

PALESTINA OU ARGENTINA? O RECOMEÇO DA VIDA JUDAICA NA AMÉRICA LATINA NO ROMANCE *MOZART LO AYÁ YEHUDI (MOZART NÃO ERA JUDEU)*

PALESTINE OR ARGENTINA? THE RESUMPTION OF JEWISH LIFE IN LATIN AMERICA IN THE ROMANCE *MOZART LO AYÁ YEHUDI (MOZART WAS NOT JEW)*

Gabriel Steinberg*

Resumo

No romance *Mozart lo ayá yehudi (Mozart não era judeu)*, a escritora israelense nascida na Argentina, Gabriela Avigur-Rotem, descreve a saga da emigração em massa de judeus perseguidos do Leste da Europa, que em busca de novas oportunidades se deslocam em direção ao Novo Mundo, e especificamente, para a América Latina. Relegando o sonho sionista de criar uma pátria judaica na terra ancestral em Eretz Israel, milhares optaram por se dirigir em direção oposta, com o intuito de iniciar uma nova vida na América Latina.

Palavras-chave: Literatura judaica, Eretz Israel, América Latina, Sionismo.

Abstract

In the romance *Mozart was not Jew*, Israeli writer born in Argentina, Gabriela Avigur-Rotem, describes the situation of mass emigration of Jews persecuted in Eastern Europe, which desloca looking for new opportunities to the New World and, specifically for Latin America. Relegating the Zionist dream of creating a Jewish homeland in the ancestral land in Eretz Israel, thousands of people chose to go in the opposite direction, to start in South America a new life.

Keywords: Jewish literature, Eretz Israel, Latin America, Zionism.

* Professor de Língua Hebraica do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: <steinberg1818@hotmail.com>

Em 1896, Theodor Herzl publicou o famoso manifesto que viria a mudar para sempre a vida de toda uma nação. Em *O Estado Judeu*, ele não tinha certeza do local no qual este estado seria erguido, Eretz Israel lhe parecia ainda um lugar remoto e pouco viável, mais uma pátria espiritual do que real. Em seu livro manifesto, ele levanta a questão da localização e indaga:

Palestina ou Argentina? A qual das duas deve-se dar preferência? A *Society* aceitará o que lhe derem e aquela em direção à qual se incline a opinião geral do povo judeu. A *Society* averiguará as duas. A Argentina é, por natureza, um dos países mais ricos da Terra, de imensa superfície, população escassa e clima temperado. A República Argentina teria o maior interesse em ceder-nos uma porção de terra. A atual infiltração dos judeus provocou descontentamento: seria necessário explicar à Argentina a diferença radical entre aquela e a nova imigração judaica. A Palestina, por outro lado, é a nossa pátria histórica inesquecível. O simples ouvir citar o seu nome é um chamado poderosamente comovedor para nosso povo.²

A imigração judaica para a América do Sul teve início no final do século XIX. Movidos pelas ondas de perseguição no Leste da Europa, especialmente na Rússia e Bessarábia, milhares de judeus deram início a uma forte onda migratória em direção à Europa Ocidental, América do Norte e América do Sul. Este deslocamento coincidiu também com o incipiente movimento imigratório em direção à Palestina nas denominadas *alioth* de 1881 e 1904.³ A colonização judaica no sul da América Latina, começou com a iniciativa e a participação do Barão Maurice de Hirsch⁴, judeu alemão radicado na França, que em 1891 criou em Londres a ICA (Jewish Colonization Association), a sociedade de colonização

² HERZL, Theodor, 1998, p. 45

³ *Aliá* – (Literalmente: “subida, ascensão”) Plural: *alioth*. Antigamente, no período bíblico, designava cada uma das três peregrinações anuais que os judeus realizavam a Jerusalém. No período moderno, passou a designar cada uma das ondas imigratórias, que a partir do final do século XIX, se dirigiram à Terra de Israel. Na 1ª aliá (1882-1903), chegaram ao país aproximadamente 25.000 imigrantes. Na 2ª aliá (1904-1914), vieram cerca de 40.000 imigrantes. Na 3ª aliá (1919-1923), imigraram 35.000 pessoas. Na 4ª aliá (1924-1932), chegaram aproximadamente 82.000 imigrantes e a 5ª aliá (1933-1948), abrangeu 265.000 imigrantes. (EISENSTADT, 1977, p. 42)

⁴ O Barão Maurice de Hirsch (1831 – 1896) – banqueiro de origem judaica - alemã e radicado na França, preocupado com a perseguição ao povo judeu, especialmente aos judeus russos, criou em 1891 a ICA (Jewish Colonization Association) com o objetivo de instalar colônias agrícolas no Brasil e na Argentina. O ano de 1904 marca a chegada dos imigrantes judeus às colônias agrícolas do Barão no Brasil, mais precisamente à Colônia de Philippon, próxima a Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a primeira colônia agrícola judaica, instalada organizadamente no país. A Colônia recebeu esse nome em homenagem a Franz Philippon, então vice-diretor da ICA. Os primeiros imigrantes, 37 famílias – vieram principalmente da Bessarábia, região banhada pelo Mar Negro. Mais tarde, judeus vindos da Polônia, da Alemanha e da Rússia instalaram-se em várias cidades do Brasil, nas regiões Sul e Sudeste.

judaica, que, segundo ele, seria uma alternativa viável frente à iniciativa utópica que o Sionismo apresentava. Os primeiros judeus chegaram à Argentina em 1889. No ano seguinte, o governo local interessado em ampliar sua população, deu início a uma política de incentivo à imigração da Europa em direção a seu território. Se calcula que entre 1891 e 1896, mais de 20 mil judeus chegaram ao país estabelecendo-se na cidade de Buenos Aires, mas também nas colônias agrícolas fundadas pela ICA como Carlos Casares na Província de Buenos Aires. No entanto, o fato mais curioso foi a criação das colônias agrícolas em lugares remotos e afastados da capital, como na região dos Pampas e nas províncias de Entre Rios e de Santa Fé. Ainda hoje, muitos judeus argentinos manifestam orgulho por terem nascido nessas colônias, e as experiências vivenciadas nesses povoados como por exemplo, Moisés Ville, Las Palmeras, Palácios e outros, são evocados com particular nostalgia.

Se inicialmente os principais destinos dos imigrantes auxiliados pela ICA eram a Palestina e a Argentina, esta organização filantrópica passou a atuar também no Brasil, fundando, a partir de 1904, colônias agrícolas no sul do país, no estado do Rio Grande do Sul. A primeira colônia criada no Brasil foi Philippon. Com o sucesso da primeira colônia, a ICA adquiriu em 1909 a fazenda Quatro Irmãos, na região de Passo Fundo. Os primeiros imigrantes que se estabeleceram nessa colônia eram provenientes da Argentina e da Bessarábia. As vésperas da Primeira Guerra Mundial, esta colônia contava com 350 famílias. A revolução de 1930 no Sul do Brasil, acabou provocando invasões de terras e trouxe prejuízos econômicos aos colonos que lentamente foram se deslocando em direção a Porto Alegre e outros grandes centros urbanos do país. Uma nova experiência da ICA se deu no Estado do Rio de Janeiro, em Rezende, com judeus foragidos do nazismo.

Apesar da imigração para vários pontos da América Latina, a Argentina foi encarada como um porto seguro e como a própria Terra Prometida e ali foram criadas comunidades no meio campesino e nos grandes centros urbanos e como afirma Nancy Rozenchan, esta imigração “sem desleixar a sua identidade original, assumiu traços locais marcados por um forte nacionalismo”.⁵ A integração dos judeus na Argentina tem similaridades com os processos de integração em outras regiões do mundo ocidental para o qual eles imigraram “porém as especificidades da cultura e da sociedade argentinas determinam o perfil particular desta integração e da identidade destes imigrantes”.⁶

⁵ ROZENCHAN, p. 61

⁶ Idem, p. 62

Assim como na Palestina, também na Argentina mediante o trabalho agrícola numa terra pouco habitada, o judeu criaria raízes fortes e tornaria aquela terra em seu lar. Assim como na Palestina foi surgindo a figura mitológica do “novo hebreu”, na Argentina e não em outros lugares, o viés nacionalista permitiu o surgimento de um mito na figura do gaúcho e na valorização das tradições nativas nas terras afastadas dos Pampas, distantes física e culturalmente da vida agitada da metrópole. Na onda da corrente nacionalista que varria a Argentina no momento da passagem do século XIX para o XX e que coincidiu com o grande afluxo de imigrantes judeus e não judeus, Alberto Guershunoff publicou em 1910 uma obra de grande repercussão denominada *Los Gaúchos Judios*, obra que vai louvar a integração dos colonos judeus nos Pampas de Santa Fé e de Entre Rios. Segundo Leonardo Senkman:

Ao publicar *Los Gaúchos Judios* (La Plata, Argentina, 1910) Alberto Gershunoff não somente inaugurou a literatura judeo-argentina no ano em que se comemorava o centenário da emancipação nacional do país ao qual ele tinha chegado como imigrante em 1889, na idade de cinco anos, senão que simultaneamente ele dava início com seu livro à literatura moderna sobre a utopia em terras da América do Sul.⁷

Com este pano de fundo histórico em vista, o romance *Mozart lo ayá yehudi* (versão em hebraico de 1992, versão em português de 1997 – tradução de Nancy Rozenchan, Editora Imago), a escritora israelense nascida na Argentina, Gabriela Avigur-Rotem, descreve a saga da emigração em massa de judeus perseguidos do Leste da Europa, que em busca de novas oportunidades econômicas se deslocam em direção ao Novo Mundo, e especificamente, para a América Latina. Relegando o sonho sionista de criar uma pátria judaica na terra ancestral, milhares optaram por se dirigir em direção oposta à Palestina, com o intuito de aqui “fazer a América”. Assim Gabriela Avigur-Rotem compõe sua narrativa, tendo como núcleos centrais as histórias da família Hidekel em Buenos Aires, onde esta cria seus filhos e uma nova vida junto aos portenhos e nativos, e os Gurman que se estabeleceram na região dos Pampas, numa localidade criada por Gabriela e por ela denominada Mar de Oro, local que não tinha nem mar e nem ouro, e no qual passaram a conviver com os gaúchos e criaram um novo cotidiano que devia conciliar a experiência de fincar raízes na nova terra, sem esquecer dos laços que os uniam ao judaísmo e à empreitada sionista, que mesmo de longe, estava latente em suas experiências e vivências na Argentina. Na narrativa de Avigur-Rotem Mar de Ouro era um

⁷ SENKMAN, Revista Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe, 1989 - 1999

ponto perdido: “Ela, a localidade, é tão pequena e tão sem importância, que ninguém sonhará em procurar ali alguém, nem no mapa ela está assinalada, e no trem é preciso lembrar ao condutor que lembre ao maquinista que se lembre de parar ali”.⁸

Um dos personagens principais da narrativa é Ariê Yehuda Leib Hidekel que saiu de Odessa onde se dedicava a traduzir obras da grande literatura mundial ao hebraico, era esse o período do renascimento nacional judaico e, por conseguinte, o período do acordar do hebraico como língua nacional. No entanto, Ariê Leib se mudou para Tierra del Fuego no sul da Argentina com Ite sua esposa, ali havia apenas pastores ignorantes de lhamas, este lugar lhe pareceu ao chegar como uma “Terra de desterro”. Ele se tornou bedel de sinagoga, ensinava a Língua Hebraica e exercia eventualmente o ofício de chantre até que começou a ganhar dinheiro. Na América ele se tornou Don Leon e Ite virou Ida. O primogênito dos dois era Saul. Ao mesmo tempo nos Pampas se estabeleceram Isac e Fani Gurman. Moisés o irmão de Fani, tentou persuadi-la a se mudar para a Palestina mas Fani dizia que ali, nos Pampas, num lugar remoto e esquecido, não havia antissemitismo, nunca viram por ali um judeu e além do mais, era uma terra propícia para fazer dinheiro. Este era o começo incerto ainda desses imigrantes que fugindo das perseguições na Europa encaravam estas paisagens sem ódio nem perseguições como a nova “Terra Prometida”.

Don Leon com Ida e o sócio Herr Weinberg montaram em Buenos Aires um hospital de pianos e Fani e Isac Gurman optaram pelos Pampas e pelos gaúchos e ali travaram uma luta contra as pragas e a forte estiagem. Quando a vida começou a melhorar, Don Leon contratou Madame Polanski para que esta ensinasse seus filhos a tocar piano. A narrativa tem início com um fato marcante: um dia Don Leon estava folhando o jornal quando ficou estarecido ao ler: “Herzl morreu”⁹, assim ficamos sabendo que era o ano de 1904, data em que o mundo judaico sionista ficou abalado mas também, ano do início da 2ª *aliá*, a 2ª onda imigratória para a Palestina. Don Leon compra um piano para cada um de seus nove filhos e os coloca na sala de sua casa imaginando transformá-los em grandes concertistas. A realidade lhe mostrará ao final da trama, que seu sonho judaico de ascensão social para seus descendentes, não virá pela via da música. Na nova “Terra Prometida”, cada filho trilhará seu próprio caminho. Don Leon e Ida tiveram vários filhos: Saul, Salomon e Benjamin, a quarta filha no entanto, já carrega um nome que sinaliza os novos tempos e o novo lugar de residência: Sarita Juana Mirabel.

⁸ AVIGUR-ROTEM, p. 376.

⁹ Idem, p. 39.

Após o nascimento de Sarita, Leon trouxe para a Argentina a Esterl, irmã de Ida para ajudá-la na criação dos filhos, e em dois dias esta virou Estercita que tinha descido do navio direto do Leste da Europa. Estercita fugiu dos distúrbios mas carrega na trama, a tragédia que está latente, as perseguições deixam sua marca na vida dos refugiados. A narrativa faz referência a este aspecto quando Leon afirma que: “por causa dela, da tia Esterl, as crianças ouviram pela primeira vez a palavra *pogrom*. As crianças aprenderam que era proibido perguntar... e no centro silencioso – jamais mencionar – *pogrom*”.¹⁰

Nos Pampas, Isac, Fani e seus filhos Aron e Teo, eram quase autóctones, quase que gaúchos pois encontramos uma referência a esta tentativa de criar raízes na seguinte passagem: Nos sábados a noite, reuniam-se em torno da lamparina na varanda, passavam de mão em mão a cuia de mate. Isac com calças largas de gaúcho e com poncho vermelho de ornamentos pesados. Já Shimale, o mestre, em oposição ainda usava nos Pampas um casaco de cetim puído preto que trouxera de Kiev, o que o tornava semelhante a um corvo naquela região campestre. (p. 74)

Se nos Pampas todos previram que Aron o primogênito se tornaria um advogado, Isac tentou persuadi-lo a cuidar das plantações do pomar. Para Isac, a salvação do povo judeu estava no trabalho da terra assim como, concomitantemente, os judeus estavam sendo redimidos nas colônias agrícolas que eram criadas naquele mesmo tempo na verdadeira Terra Prometida. Isac diz a esse respeito: “Desperdiçamos dois mil anos de *luft guesheftn* (negócios que se esvaem no ar). Ao invés de sermos atraídos pela terra, formos atraídos pelo ar”.¹¹ Na mesma ocasião em que conversa com Aron, Isac indaga: “Sabe o que é que nos falta? ... raízes, sem raízes você é como... ele procurou uma expressão e necessitou repentinamente do hebraico, como a palha forçada pelo vento”.¹² Encontramos nessa citação uma alusão à ideologia sionista forjada então por idealistas na Palestina, onde jovens estavam fazendo renascer o passado, fixando um novo vínculo com a terra árida e abandonada e também recriando a língua ancestral que passava a ter nesse momento, caráter nacional. Isac, ia até o porto de Buenos Aires com o intuito de atrair judeus que chegados da Europa, perseguidos e cansados, estivessem dispostos a ir até os Pampas para ali recriar o sonho da redenção, dispostos a lançar como ele dizia “raízes”, numa terra árida mesmo que esta não fosse a Palestina. Seus esforços por aumentar a comunidade de judeus em Mar de Ouro não

¹⁰ Idem, p. 53

¹¹ Idem, p. 85

¹² Idem, p. 85

mostrava-se bem sucedidos, a maior parte dos imigrantes se dirigiam à capital, “fazer a América” mostrava-se mais promissor na grande cidade. Desta forma, Isac “esperava encontrar no meio dos imigrantes alguém que tivesse caído fora de alguma fazenda de treinamento sionista, algum veterinário, alguns mestres, mas estes tendiam a preferir a capital, e mais de uma vez voltou de mãos vazias”.¹³

Nos Pampas, o labor era árduo e os resultados píftios e às vezes decepcionantes. Assim encontramos esta referência na narrativa:

Mas de dia a dia, ficou claro o absurdo do esforço e as cores da seca de marrom tostado e marrom ferrugem se espalharam por tudo... Fani chorava. A estância mergulhada no verde com uma senda de cascalho, delineava-se agora mais distante e inatingível do que nunca. Desde o dia que chegamos aqui, lamentou-se ela, somente catástrofes. Se não lama, então seca. Em todo lugar que se pisa – um rato, uma ratazana ou uma *cucaracha*.¹⁴

No entanto, Isac encarava sua via ali como uma missão, ele se compara no romance ao Adão bíblico, que amaldiçoado segundo o texto ancestral, ou abençoado segundo Isac, encontra no árduo trabalho dos Pampas uma forma de se redimir mediante o trabalho agrícola, e assim como os colonos na Palestina estavam vencendo a batalha contra a aridez, ele, Isac, também haveria de vencer. Então Isac diz que:

Deus entendeu que o homem que havia criado ainda não estava tão bem acabado, ainda era rapaz estragado de tanto mimo e ócio por isso lhe disse: Vai, e o enviou para a universidade da vida. E o que se aprende na universidade da vida? Que há sofrimento, um pouco de dilúvio, um pouco de seca.¹⁵

Na casa dos Hidekel em Buenos Aires, fervilhava o ambiente sionista, ali se reuniam os simpatizantes sionistas e os membros do Comitê argentino pela Língua Hebraica.¹⁶ Leon compartilhava desta fé e falava constantemente com seus filhos em Hebraico, a língua do renascimento nacional. Leon manifestava-se contrário ao uso do iídiche o qual denominava de jargão. No romance encontramos a seguinte passagem:

¹³ Idem, p. 87

¹⁴ Idem, p. 96

¹⁵ Idem, p. 98

¹⁶ Idem, p. 147

Naqueles anos a raiva de Leon acendeu-se contra os *bundistas* com sua insistência enfurecedora de falar ídiche, e ele gastou muitas horas coletando dinheiro para estabelecer uma escola com o nome de N. Guesang¹⁷, em que as criancinhas judias aprendessem a falar fluentemente a Língua Hebraica, e quem sabe se deles não sairia um continuador de Mapu ou de Bialik... pelo que destas criancinhas talvez despontasse a salvação, e para os seus pais que não conheciam a língua sagrada e a língua dos sábios e da oração e da poesia... Enquanto isso, ele fala hebraico com as netas e também procurou e lhes encontrou nomes hebraicos: Ora e Atara.¹⁸

Nos distantes Pampas, o sonho sionista continuava latente no coração de Isac Gurman. Em carta enviada a Aron Gurman, que se encontrava na capital estudando medicina, Teo, seu irmão lhe conta que, Padan Aram, o professor de Hebraico que se mudou para Eretz Israel, tinha comprado para eles um laranjal e que Isac o pai de ambos, começava a ver na Terra Santa um lugar de refúgio, mas que sua esposa Fani não queria nem ouvir falar da possibilidade de um recomeço em outro lugar fora da Argentina. Então Teo relata que:

Papai se zangou e disse que ela é cega, que ela não vê o antissemitismo que está começando por aqui, e que ele não pretende esperar até que os goym destruam a casa e queimem o laranjal, ele está preparando para nós um lugar para onde ir antes que tudo isto comece, e desta vez será o lugar para onde ele quis ir há trinta anos, o único lugar para o qual todo o povo judeu deve aspirar ir.¹⁹

Com a chegada da velhice, tanto os Hidekel como os Gurman moravam na capital. Tanto Leon como Isac eram ativos nas organizações sionistas. Leon ia até o apartamento dos Gurman pois Teo seu filho, tinha casado com Nora, a filha de Leon, e ali trocavam informações sobre o Movimento. Isac, mesmo tendo abandonado a vida rural nos Pampas, sentia-se ainda um agricultor. Desta forma nos conta o texto:

Desde o dia em que se mudaram para a capital, Isac encontrou o caminho para a fazenda de treinamento do *Hashomer* que havia enviado Regalo para Israel, e em meio aos jovens descobriu a paixão pedagógica contida nele e

¹⁷ A referência nesta passagem é à *Escuela Integral Hebrea Natan Guesang*, fundada em Buenos Aires em 1920 e que completou em 2012, 92 anos de existência. Natan Guesang nasceu na Polônia em 1888 e chegou à Argentina em 1910. Foi um dos fundadores da Federação Sionista Argentina. Em 1935 participou da criação da DAIA que é a principal organização judaica no país e representa as instituições comunitárias perante as autoridades oficiais do Estado argentino. Foi também um importante escritor e ensaísta em língua ídiche e ao mesmo tempo, um dos grandes lutadores em favor do Hebraico. Faleceu em 1944. Em 1949 a escola que atualmente integra a comunidade e sinagoga *Bet Jai*, recebeu o nome deste importante ativista comunitário e sionista.

¹⁸ Idem, p. 269 - 270

¹⁹ Idem, p. 181

ensinou àqueles habitantes da cidade como arar e como se afofa a terra mecanicamente, como se ordenha e como se escolhe galinhas poedeiras, como se enxerta uma árvore jovem numa árvore adulta e se fazem milagres.²⁰

Uma outra referência à atividade sionista desta vez por parte de Leon pode ser observada nas palavras de Raquel, uma de suas filhas, que se refere ao pai e diz que o mesmo já era sionista por toda a família “e agora tornou-se obcecado pela questão sionista com o slogan ‘Hebreu, fale Hebraico’, e somente quando está cansado é que fala iídiche”.²¹ O fervor sionista vai tomando conta de alguns membros das famílias Hidekel e Gurman quando o romance diz que: “Todos falavam sobre os grandes dias – não somente o pai dela (se referindo a Clarissa, filha de Leon) e Isac Gurman, que passavam horas em debates sobre o Estado sionista que ainda não nascera... todos sentiam a nova era nascendo, a era de Deus, da pátria e da justiça social”.²²

É neste momento da narrativa, que a história judaica e a argentina se entrelaçam. A referência a uma nova era não é apenas com relação ao que estava prestes a ocorrer nesse então na Palestina, uma nova era de justiça social tinha surgido no país de acolhida com a chegada de Evita Perón às altas cúpulas do poder, fato que vai mobilizar os trabalhadores e as mulheres do país, fato que não passa despercebido pelas mulheres de ambas as famílias que vão ouvir a companheira Evita e até imitam seu penteado. A admiração pela nova líder se manifesta na fala de Clarissa, filha de Leon quando diz admirada: “A companheira Evita, sem secundário e sem diplomas, vejam de onde ela vem e aonde chegou. Ela dirige-se a todos os homens do governo com ‘Che’, faz do Generalíssimo o que quer”.²³

No final do romance, as famílias foram unidas por laços matrimoniais e Nora Hidekel casada com Teo Gurman acabara imigrando para Israel. No porto, todos os amigos foram despedi-los e lhes prometeram imigrar também. Com o passar do tempo, nem todos cumpriram a solene promessa. Quando uma de suas filhas partiu para Israel e Ida estava prestes a morrer, Leon decide realizar o sonho de encontrar a verdadeira Terra Prometida. Ele percorre a casa, toma consciência mais uma vez de que nenhum de seus nove filhos iria se tornar um concertista famoso pois ao final das contas, Mozart não era judeu mesmo e então, ele decide partir. Assim diz o romance:

²⁰ Idem, p. 337

²¹ Idem, p. 343

²² Idem, p. 355

²³ Idem, p. 355

Ele vagueia pela casa, abre o guarda-roupa, vê-se avaliando o que seria conveniente levar consigo quando partisse, procurando a velha mala, esforçando-se para tirá-la do sótão, embolorada e malcheirosa, perguntarei para Fani, ele pensa, onde é possível comprar uma mala boa e diante da estante de livros envidraçada ele escolhe dos seus livros o que levará e o que deixará aqui e a quem legará o que.²⁴

E assim, na mesma época em que a capital argentina estava enlutada pela morte prematura da “companheira”, e quando durante sete dias mais de 60 mil pessoas olhavam para o rosto emaciado e ela olhava para eles de sob o vidro de seu caixão, Leon embarca no navio que partiria para Sion certo de que se postaria diante dos Portões do céu para encontrar o seu destino. Desta forma, Gabriela Avigur-Rotem aponta no romance para o caráter dual da identidade judaica e argentina dos imigrantes e das gerações que criaram naquele país. O caráter dual da identidade judaica e argentina não se resolve com a emigração para Israel, senão se substitui por um outro tipo de enfrentamento: na Argentina se deseja encontrar a terra da promessa, enquanto que em Israel se desperta a saudade pelo verdadeiro lar da infância: a Argentina das recordações. O principal enfoque de *Mozart não era judeu* reside na aceitação da experiência migratória como uma condição básica do ser judeu. Neste sentido, tanto Israel como a Argentina, destinos escolhidos para começar uma nova vida, se mostram espaços conflitivos inerentes aos processos de aculturação e integração social.²⁵

Fatos históricos da realidade judaica e argentina transcorrem toda a narrativa. O romance se inicia com a morte de Herzl, fato que estremece o mundo judaico pois lhe era inerente, e acaba com a morte de Evita Peron, fato histórico que também provoca agitação pois assim mesmo lhes é inerente como judeus argentinos, já que adotaram essa terra como sua nova pátria.

No romance, a lealdade a valores judaicos ou argentinos é distinto entre as diferentes gerações e como afirma Nancy Rozenchan:

Enquanto nos fundadores dessas dinastias os aspectos de judeidade são nitidamente expressos e predominantes, na geração seguinte, esses se adaptam ou são superados pelo caráter local. A geração de Leon Hidekel e de Isac Gurman vive dos ideais ansiados pelos imigrantes e, naturalmente, seus filhos e netos, em sua maioria, mostrar-se-ão mais marcados pelas preocupações argentinas contemporâneas, com destaque para o sionismo e

²⁴ Idem, p. 374

²⁵ RAN, 2007, p. 181

para a concretização do ideal sionista de imigração e construção do país, que cada personagem cumprirá de forma diversa.²⁶

Israel no romance se oferece como um possível destino para sair de uma Argentina que perdeu seu esplendor idílico convertendo-se num outro espaço de exclusão. Percebida deste modo no romance, a Argentina é somente um outro ponto de referência na longa trajetória migratória judaica em direção ao verdadeiro destino, que é, por sua vez, o retorno ao origem bíblico misticamente imaginado, o único lugar onde os excluídos se transformam numa força maior; um país ao qual todos chegaram alguma vez e onde experimentaram o desterro explícita o implicitamente. Israel, com sua proposta ideológica de forjar uma nova identidade judaica mediante a fusão dos diversos grupos de judeus, propõe um outro tipo de miscigenação: novos e velhos imigrantes da Europa, Norte de África e do Oriente Médio, filhos do país, residentes da cidade e dos *kibutzim*, dialogam num espaço que se propôs a cumprir o papel do *Kibutz Galuilot* (A reunião das diásporas judaicas).²⁷

Se para Isac Gurman a Terra Prometida é o lugar no qual o judeu retornará ao trabalho agrícola mesmo que distante da Palestina, para Leon Hidekel, a Terra Prometida será o palco onde criará uma importante trupe de músicos. Este sonho acaba mal sucedido, os filhos tomaram outros rumos e seguiram seus próprios caminhos. Mesmo Leon sonhando como muitos judeus daquela época em ter filhos músicos, estes aculturam-se e acomodam-se ao mundo que os rodeia, alguns assimilam-se plenamente à cultura argentina, país que acolheu seus pais e avós. Na Argentina Leon Hidekel teve um sonho de criar filhos músicos e como este desejo não se concretizou, a última utopia que ele encara é imigrar para a Palestina agora Israel, caminho seguido por muitos judeus da América Latina, que mesmo tendo se integrado ao cotidiano de seus países de origem, abandonaram a região para recomeçar uma nova história na verdadeira Terra Prometida.

²⁶ ROZENCHAN, p. 66

²⁷ RAN, 2007, p. 182

Referências

- AVIGUR-ROTEM, Gabriela. *Mozart lo haya yehudi*. Jerusalém, Keter, 1992.
- _____. *Mozart não era judeu*, Tradução de Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- GUERSHUNOFF, Alberto. *Los Gaúchos Judíos*. Buenos Aires, Aguilar, 1975.
- HERZL, Theodor. *O Estado Judeu*. Rio de Janeiro, Gramond, 1998
- RAN, Amália. *Hechos de orillas: Nuevas expresiones de la identidad judeo-argentina contemporánea*. Tese de Doutorado, University of Maryland, 2007.
- ROZENCHAN, Nancy. *Literatura Hebraica: Vertentes do século XX*. São Paulo, Editorial Humanitas, 2004.
- SENKMAN, Leonardo. Los gauchos judíos - una lectura desde Israel. *Revista de Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*. Jerusalém, Volume 10:1, 1999.